

## **Refigurações de Malasartes em cordéis de Lourdes Ramalho e Pedro Bandeira**

Refigurations of Malasartes in cordeis by Lourdes Ramalho and Pedro Bandeira

Leandro Almeida<sup>1</sup>

Valéria Andrade<sup>2</sup>

Resumo: Figura comum nos contos populares da Península Ibérica, Pedro Malasartes é uma figura ancestral de proa do repertório de histórias de tradição europeia que atravessa o Atlântico rumo à colônia portuguesa para criar raízes em solo brasileiro. Malasartes é um malandro, espécie de versão brasileira do pícaro ibérico que apronta o tempo todo, sempre levando a melhor (Gonzáles, 1988). Da vida, Malasartes só quer o prazer e a diversão e, para alcançá-los, engana qualquer um que cruze o seu caminho (Pessoa, 2018). O artigo procede a uma análise de como Lourdes Ramalho (s/a) e Pedro Bandeira (2008) ressignificam essa figura do malandro a partir do que compreendemos à luz da teoria da refiguração de personagens (Reis, 2017), dadas as mudanças empreendidas para que o protagonista

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorando em Literatura e Estudos Interculturais pela Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), [Leandro\\_almeida\\_15@hotmail.com](mailto:Leandro_almeida_15@hotmail.com).

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Estudos Avançados sobre a Utopia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto-Portugal (ARUS/FLUP/U.PORTO) e em Estudos Literários na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (PÓS-LIT/FALE/UFMG). Professora na Universidade Federal de Campina Grande (CDSA/UFCG) e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), [val.andradepb@gmail.com](mailto:val.andradepb@gmail.com).

seja um herói engajado nas lutas pelo bem popular. Conclui-se que os novos Malasartes representam alternativas de resistência inteligente, não violenta e astuta (Arendt, 1970), não lançando fora o riso e o bom humor necessários, para fins de promoção da melhoria dos nossos modos de fazer justiça e democracia.

Palavras-chave: Malasartes; Pícaro; Cordel para crianças; Lourdes Ramalho; Pedro Bandeira.

Abstract: A common figure in folk tales from the Iberian Peninsula, Pedro Malasartes is an ancestral figurehead in the repertoire of stories of European tradition who crosses the Atlantic towards the Portuguese colony to put down roots on Brazilian soil. Malasartes is a rogue, a kind of Brazilian version of the Iberian rogue who is always up to mischief and always gets the better of others (González, 1988). Malasartes only wants pleasure and fun in life and, to achieve these, he deceives anyone who crosses his path (Pessoa, 2018). The article analyzes how Lourdes Ramalho (s/a) and Pedro Bandeira (2008) resignify this rogue figure based on what we understand in light of the theory of character reconfiguration (Reis, 2017), given the changes undertaken so that the protagonist becomes a hero engaged in the struggle for the common good. It is concluded that the new Malasartes represent alternatives of intelligent, non-violent and astute resistance (Arendt, 1970), without throwing away the laughter and good humor necessary for the purpose of promoting the improvement of our ways of doing justice and democracy.

Keywords: Malasartes; Pícaro; Cordel for children; Lourdes Ramalho; Pedro Bandeira.

## PEDRO MALASARTES, UM (ANTI-)HERÓI DA CULTURA POPULAR

Figura comum nos contos populares da Península Ibérica, Pedro Malasartes – ou Malazartes, Malas Artes etc. – é uma figura ancestral de proa do repertório de histórias de tradição europeia que atravessa o Atlântico rumo à colônia portuguesa para criar raízes em solo bra-

sileiro. As primeiras versões de suas histórias chegam ao Brasil impressas nos livretos escritos e publicados em Portugal, que punham em circulação diferentes gêneros literários sob a designação de cordel. Em todas as regiões do país, há relatos sobre as aventuras dessa espécie de caipira travesso, versão brasileira do pícaro-malandro ibérico. Folcloristas e contadores de histórias como Câmara Cascudo, Basílio de Magalhães e Silvio Romero são alguns dos nomes que empreenderam reverberantes versões das peripécias do capiau.

Malasartes, essa personagem difundida e refigurada na literatura popular brasileira, descende da tradição espanhola do território da Península Ibérica que remonta ao século XVI, em que os personagens picarescos se faziam conhecidos por serem burlões, trapaceiros e mentirosos. No entanto, pouco se reflete que no cenário de exaltação aos consagrados cavaleiros e heróis de uma tradição já consolidada nos romances de cavalaria, se punha à margem figuras oriundas das camadas populares. Os pícaros, portanto, seriam essas pessoas às quais, devido ao cenário de exclusão social e vulnerabilidade econômica, restava fazer uso de artimanhas ilícitas, como a trapaça, o engano, a mentira e o roubo. Suas histórias também vieram a consagrá-los na tradição histórico-literária como anti-heróis, não exatamente para exaltar a coragem como virtude, mas sim a malandragem necessária para enfrentar os dilemas como a fome e a ausência de moradia, pelo que em suas andanças e peregrinações buscavam sobreviver aos infortúnios constantes em suas vidas. Por esse motivo, ainda, os pícaros não agiam com base no princípio do bem coletivo, mas a favor das suas próprias necessidades diárias. Se suas aventuras mundo à fora são concebidas como atos de coragem, na verdade são reveladoras das consequências do medo e da miséria (González, 1988).

Sobrevida espectral brasileira do pícaro ibérico, Pedro Malasartes continua a ser exemplo de burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e de enganos, sem escrúpulos e sem remorsos. Tal personagem, que age com esperteza, criatividade e inteligência, tornou-se emblemático na cultura de nosso país. Bobo na aparência, mas espertíssimo em personalidade, Malasartes seria uma espécie de caipira que apronta o tempo todo, sempre levando a melhor. Da vida, Malasartes só quer o prazer e a diversão e, para alcançá-los, engana qualquer um que cruze o seu caminho (Pessôa, 2018).

Vivendo dos frutos de suas artimanhas, Malasartes pode ser considerado um anti-herói diferente daqueles representados nos contos populares, comumente em jornadas de busca por satisfação pessoal, a exemplo de casamento e fortuna. Com objetivos egoístas, dado seus intentos de busca por prazeres individuais e momentâneos, ludibria os homens possuidores de riquezas, não exatamente para ser rico, mas para se divertir com a desventura alheia.

Em diálogo crítico com a tradição histórico-literária espanhola de mais de cinco séculos de reverberação, a escritora potiguar Lourdes Ramalho (1920-2019) e o escritor paulista Pedro Bandeira (1942-2020) ressignificam em suas obras essa figura picaresca, dadas as mudanças empreendidas para que o protagonista de suas narrativas seja um *verdadeiro herói* engajado nas lutas pelo bem popular. Esse interesse em refigurar personagens protagonistas dos contos populares, principalmente mediante processos interculturais de aclimação (Ayala, 1997) no Nordeste do país, representa uma contribuição significativa relativamente à apropriação de narrativas lendárias da cultura ibérica que perduram na tradição e na memória popular nor-

destina para fins de somar esforços no fortalecimento de uma transculturalidade.

Os dois cordéis escritos por Ramalho e Bandeira suscitam uma análise-interpretação da personagem neles recriada à luz da teoria da refiguração de personagens elaborada por Carlos Reis (2017). Em sua teoria, o autor aponta para a condição de personagem com uma entidade não estática, unificada e imutável, antes como categoria dinâmica, instável e mesmo evanescente, razão pela qual concebe o processo de refiguração de personagens a partir da concepção do que designa como *sobrevida*. O conceito ancora-se no argumento de que em diferentes tempos culturais a personagem literária ou não-literária manifesta-se como entidade potencialmente dinâmica. Nessa perspectiva, veremos como as refigurações de Malasartes de Lourdes Ramalho e de Pedro Bandeira podem ser apreciadas como sobrevidas dessa entidade picaresca imorredoura e espectral que perdura no imaginário popular e serve de inspiração para os contadores de histórias na contemporaneidade, principalmente cordelistas.

“VAMOS DERRUBAR MADEIRA / – O QUE NOS FAZ ENRICAR!”

Lourdes Ramalho é considerada autora paraibana, embora tenha nascido em Jardim do Seridó - Ouro Branco, no Rio Grande do Norte, sobretudo porque, tendo fixado residência em Campina Grande desde meados dos anos 1950, desenvolveu uma atuação emblemática como teatróloga, cordelista, educadora e agente de cultura nesta cidade, imprimindo seu nome na agenda artístico-cultural da cidade e, em termos mais amplos, da Paraíba, tornando referenciada também como “grande dama da dramaturgia nordestina”.

Tendo vivido uma longa vida de quase um século, vindo a falecer aos 99 anos, “Dona Lourdes”, como era conhecida entre amigos e familiares, escreveu, em seus mais de 80 anos de carreira como poeta e, sobretudo, dramaturga, algo em torno de uma centena de peças, algumas das quais ganharam destaque nacional, a exemplo de *As Velhas*, *Fogo-Fátuo* e os cordéis dramáticos *Romance do Conquistador*, *O Trovador Encantado*, que levaram seu nome a ser aclamado em palcos do Brasil, e do exterior, em países como Portugal e Espanha, além de outros, como *O Pássaro Real* e *Maria Roupas de Palha*, destinados ao público infantil.

A autora se destacou em seu tempo seja por se posicionar frontalmente contra injustiças sociais, históricas e políticas, seja por promover a ressignificação das raízes populares ibéricas do universo cultural do Nordeste brasileiro, consagrando-se também por estes cometimentos como empreendedora sociocultural, resultando no feito de contribuir para a formação de uma identidade singular em meio ao processo social e estético da discussão artística e cultural na Paraíba dos séculos XX-XXI (Andrade, 2007, 2012, 2020)

Se as histórias de Malasartes são marcadas pela sua personalidade ardilosa e astuta, geralmente inclinada para a travessura, Lourdes Ramalho escolhe brincar com a possibilidade de torná-lo, em seu texto teatral em cordel, um garoto *bom samaritano*. Assim sendo, no uso da língua espanhola a dramaturga brinca com as palavras ao trocar “malas artes” por “buenas artes”, a fim de redefinir seu nome e, conseqüentemente, refigurar sua personalidade.

Em *Malasartes Buenas Artes* (Ramalho, s/d), observa-se o panorama de uma paisagem distópica em que a Natureza sofre por obra da maldade humana: por interesses monetários, as pessoas desma-

tam florestas, usam fogo, veneno e sacrificam animais. Por isso mesmo, a bicharada que habita nas florestas escreve uma abaixo-assinado que é entregue ao Mensageiro a fim de que chegue às mãos de uma criança, o menino Malasartes. Esse pedido de socorro dos animais é feito a este garoto, de alma bondosa e comprometido com o bem comum para os seres humanos, animais, vegetais etc.

Ciente do dever de enfrentar seus iguais, o garoto segue na luta contra os homens-lenhadores que estão a derrubar as árvores. Leia-se o que se mostra no Quadro 2:

Quadro 2

*(Lenhadores estão derrubando as árvores.)*

Lenhadores (Cantam.)

Serra, serra, serraria,  
vamos todos a serrar,  
vamos derrubar madeira  
– o que nos faz enriquecer!

Lenhador A Centenas de árvores grandes  
abaixo já se botou!

Lenhador B Acho que um bom dinheiro  
com certeza se ganhou!

Lenhador C Mas ainda é pouco, corramos  
a um lugar que bem sei...

Lenhador D Lá é que se fica rico,  
pois tem madeira de lei!  
*(Saem cantando.)*  
(Ramalho, s/d, p. 4).

Anote-se que as intenções dos lenhadores baseiam-se em serrar as árvores para vender a madeira e “enriquecer”. Esse é o cenário apocalíptico em que vivem os animais e a restante natureza ao seu redor no enfrentamento da maldade humana com seus interesses egoístas e

capitalistas. Por esta razão, o menino Malasartes, com seu *impulso utópico* (Bloch, 2005), protagoniza uma luta esperançada juntamente com as personagens Sapo, Arara, Peixes e Formiga, com o intuito de conscientizar os lenhadores acerca de que eles mesmos dependem da Natureza. Leia-se o Quadro 9:

Quadro 9

(*Entram os homens.*)

Lenhadores      Serra, serra, serraria,

pega a tarrafa e o arpão,

inseticida, veneno,

arma de fogo, facão!

Estopim, bomba, espoleta,

vamos começar a festa,

não vai ficar nada vivo

nesse raio de floresta!

Malasartes      Meus irmãos, isso é loucura!

Vocês também morrerão!

Sem água, árvore, ar puro,

os seres perecerão!

(*Fecham a roda.*)

Sapo

Por egoísmo atacam

pobres bichos sem defesa?

Não veem – também somos filhos

desta mesma natureza?

Arara              Matar as aves – por quê?

Deus nos fez para cantar,

pra colorir o infinito

a voar... sempre a voar!

Peixes              Pobre de nós... atributos

não temos, mas a pensar,

bela é água bem clara

com peixinhos nadar!

Formiga

Vocês pensam que formiga



não serve, não vale nada?

Abrimos túneis na terra

pra que fique arejada!

Mensageiro E sempre que é preciso

dão-nos boas ferroadas!

Malasartes Como veem, meus amigos,

sua causa está perdida!

Lutar contra a natureza

é lutar contra a própria vida!

Mensageiro Depois, não pensem que apenas

o dinheiro nos dá paz!

Malasartes Amigo é mais importante

e vale mais – muito mais!

Lenhadores Bem, perdemos a batalha,

confessamo-nos vencidos!

E seremos da floresta

amigos e conhecidos!

*(Todos numa grande roda.)*

Todos Pirilim pirim pimpim!

Paralá pará papá!

Cantemos, chegou a hora

de brincar e de dançar!

Formigas A formiga vai subindo

mas não é pra ferrear!

Peixes O peixinho vai ligeiro

cair na água pra nadar!

Aves Vai o pássaro cantando

a voar, sempre a voar.

Sapos Vão os sapos coachando

quá-quá – bururum – quá-quá...

Todos Nosso lema é o bem comum,

nossa causa é popular!

Pois vida, amor e alegria

a natureza nos dá!

Adeus, adeus, minha gente,

unidos vamos ficar!

Pirilim pirim pimpim!

Paralá para papá!  
(Ramalho, s/d, p. 14-18).

Todas as personagens cercam os lenhadores por meio de “uma grande roda”, como descreve a rubrica, e passam a mostrar os prejuízos da degradação das florestas e dos rios. O estratagema de combate ao cenário distópico em que vivem os seres animais, vegetais e minerais, neste caso, é o processo de conscientização dos humanos, cuja ganância capitalista cegou a visão para a verdade de que suas vidas dependem do equilíbrio e do bem-estar na Natureza.

É nessa perspectiva que as ideias de Maureen Murdock (2022) são pertinentes para nos alertar de que a humanidade esqueceu de conscientizar-se sobre a sacralidade dos elementos que compõem a vida, isto é, “a sacralidade encarnada em todos os seres vivos, árvores, rochas, oceanos, quadrúpede, pássaros, crianças, homens e mulheres” (Murdock, 2022, p. 132).

Malasartes é uma criança consciente da sacralidade da Natureza, razão pela qual seu impulso utópico o faz se apropriar da missão de somar esforços com os animais para realizar aquilo que, segundo as ideias de Ernest Block (2005), se entende como *Utopia Concreta*, isto é, a realização do seu ideal de vida em harmonia com a Natureza, mediante a catalização de forças da coletividade e da relação de respeito à vida dos seres humanos, animais e vegetais. Afinal, como declaram em uníssono as personagens da dramaturgia ramalhiana “Todos: Nosso lema é o bem comum/ nossa causa é popular!/ pois vida, amor e alegria/ a natureza nos dá!” (Ramalho, s/d, p. 18).

Lourdes Ramalho retoma em seu cordel a agenda de discussão sobre degradação ambiental com um modo de *pensar criativo* próprio do pensamento utópico (Vieira, 2021) em que a estratégia estéti-

ca da utopia empreendida pode contribuir para despertar em seu público leitor-espectador o desejo pela participação ativa nessa luta contra a destruição da natureza com finalidades nefastas à qualidade de vida do coletivo.

“- SE ELE ENTROU NA MINHA TERRA, / ENTÃO FOI DEUS QUE  
ME DEU!”

Pedro Bandeira de Luna Filho é um escritor brasileiro de livros infanto-juvenis, cuja notoriedade surgiu em 1983, com o lançamento de *O Dinossauro Que Fazia Au-au*, seu livro de estreia para crianças e passou a dedicar-se exclusivamente à autoria de títulos para esse seguimento. Bandeira tornou-se autor de mais de 100 obras literárias, entre contos, poemas e narrativas de diversos gêneros, com destaque para *A Droga da Obediência*, em 1984, que originou a série de seis títulos, de nome *Os Karas*. Além destes, tornou-se reconhecido por livros como *A Marca de uma Lágrima*, em 1985, e *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, em 1986.

Assim como Lourdes Ramalho viu na história de Malasartes um potencial para a refiguração como caminho para a conscientização acerca da relação entre seres humanos e a natureza, Pedro Bandeira – provável leitor da obra ramalhiana – concebe Malasartes como símbolo profícuo da única forma de resistência que o imaginário dos trabalhadores do campo poderia dispor para enfrentar o poder quase absoluto dos coronéis latifundiários e detentores de terras, qual seja, a expertise. Pondo em prática sua estratégia de adaptação também com vistas ao processo intercultural de aclimatação (Ayala, 1997),

lança a coletânea de cordéis *Malasaventuras: Safadezas do Malasartes* (2008).

Em nota à edição, o próprio autor assevera que as histórias de Pedro Malasartes marcam um período histórico brasileiro pré-democrático, em que o poder dos proprietários não era limitado por leis e regras que protegessem a todos, em particular os pobres. Visto dessa forma, Malasartes revela-se como uma alternativa popular de resistência inteligente e não violenta (Arendt, 1970). Com humor, o protagonista aponta para o anseio popular pela justiça, pela liberdade e pela democracia diante do cenário de demarcação de territórios antidemocrática (Bandeira, 2008).

No cordel *O Cavallo Alazão*, selecionado da coletânea para essa leitura-interpretação, nos deparamos com um enredo em que um belíssimo cavalo de raça pura fugiu da propriedade do compadre Jerônimo, vindo a aparecer no arraial de um Coronel, “homem muito poderoso,/ ele aqui e Deus no céu (Bandeira, 2008, p. 20). Estando dentro dos limites de sua propriedade, decidiu possuí-lo como seu, pois, segundo afirma: “– Se ele entrou na minha terra,/ então foi Deus que me deu!” (Bandeira, 2008, p. 20). Diante dessa situação de extrema vilania, dada a compreensão do poder de usurpação de recursos alheios mediante a demarcação do território, observa-se um modelo político de gestão de bens regido e inclinado às regalias do coronelismo.

Ciente do ocorrido com seu compadre, Malasarte é consciente desse ato de injustiça, o que lhe motiva a usar o que referimos antes como modo de pensar criativo (Vieira, 2021), que culmina na estratégia de arranjar um gato preto, no qual introduziu cinco moedas no seu traseiro e, uma vez colocando-o na mochila, parte a procurar o

Coronel. Tendo o encontrado na vila e ainda montado no alazão recém-possuído, preparando os eleitores para a próxima eleição, dá início à execução do seu plano. Dentro do bolso, Malasartes retirou outras dez moedas, pelo que numa mão tinha moedas e, na outra, o gato.

Leia-se como a personagem faz uso de uma retórica alinhada aos interesses do Coronel a fim de chamar sua atenção:

- Imaginem, meus amigos,  
vejam só que sorte a minha:  
agora eu tenho sustento  
para vida inteirinha!  
Eu não sei se por encanto,  
ou milagre verdadeiro,  
encontrei esse gatinho  
que é uma usina de dinheiro.  
Esse gato é a sorte grande,  
quem tem ele não tem fome.  
Apertando-lhe a barriga,  
bom dinheiro ele descome! (Bandeira, 2008, p. 22).

Logo o Coronel achou estranho toda aquela explicação, motivo pelo qual resolveu intervir: “- Isso para mim é papo/ de sujeito trapaceiro” (Bandeira, 2008, p. 23). Malasartes mostrou-lhe as moedas em suas mãos e como apertava o gato para sair mais moedas, o que aumenta o interesse do Coronel pelo tal gato com ares de *galinha dos ovos de ouro*, tal que declara: “- Esse gato é de espantar,/ maravilha sem igual!/ Nunca mais vou ter problemas/ se esse gato eu possuir/ Quanto custa esse bichano?/ Pago tudo o que você pedir!” (Bandeira, 2008, p. 25).

A fala do Coronel revela seu desejo enorme por riquezas e sua concepção de que pode tudo com o seu dinheiro. Com astúcia, Malasartes se recusa a vender o gato, dizendo não precisar mais de dinheiro, dando pistas ao Coronel de que o gato seria semelhante ao seu lindo cavalo, ou seja, por serem excepcionais, não tinham preço. Foi a declaração necessária para o coronel propor a troca pelo alazão.

Leia-se um trecho da fala do cordel:

Insistiu o coronel  
que a proposta era perfeita  
Malasartes concordou,  
logo a troca estava desfeita.  
Cavalgou sem mais demora  
o lindíssimo alazão  
e foi devolver ao dono,  
o compadre Jeromão. (Bandeira, 2008, p. 26-27).

O final dessa história nos dá a saber que o coronel apertou o gato repetidas vezes até saírem todas as moedas e, já não havendo mais, “insistiu em procurar,/ com o dedo lá no fundo” (Bandeira, 2008, p. 27), o que faz o gato saltar e fugir. Desde então, o Coronel vive louco a procurar pelo gato preto, tendo que apertar vários na busca por aquele que botara moedas. Sabemos que mesmo se encontrado, não sairia moeda alguma, final frustrante e revelador da natureza materialista da figura coronelística na manutenção do poder sobre o povo mediante a propagação do medo pela força das oligarquias e de práticas de injustiça contra a democracia, principalmente no tocante ao direito de possuir bens materiais.

Ainda é importante lembrar, para fins de contextualização histórica, que o coronelismo consiste em uma prática ou movimento polí-

tico, social, econômico e cultural habitual no meio rural ou em cidades pequenas, sendo tão emergente que se tornou uma estratégia de formação de elite oligárquica protagonizada pelos latifundiários, que também detinham os meios de produção, influência social, política e econômica sobre o território (Vilaça, 2003).

Diante dessas considerações, podemos inferir que Bandeira se apropria da figura do trapaceiro Malasartes não para construir uma personagem cujas ações se destinassem a meramente alcançar fins pessoais, mas para que esse anti-herói popular realize suas peripécias para exercer a alteridade num cenário de egoísmo e capitalismo no panorama de um Nordeste comandado por latifundiários. No que se refere a esse *outro* Malasartes ter sentido a necessidade de ajudar o seu compadre, o que se vê é uma estratégia de resistência aos grilhões do sistema coronelístico, cerceador dos direitos fundamentais das pessoas em detrimento de estatutos ilegítimos, pautados em demarcações territoriais equivocadas. O alazão no arraial do Coronel, portanto, representa a riqueza dos pobres, humildes e trabalhadores, que são saqueados e enfraquecidos pelas lutas de classe.

## BUENAS ARTES E OUTROS IMPULSOS UTÓPICOS

Observamos que Lourdes Ramalho e Pedro Bandeira ressignificam a figura do malandro Malasartes a partir do que se compreende à luz da teoria da refiguração de personagens (Reis, 2017), dadas as mudanças empreendidas para que o protagonista seja um herói engajado nas lutas pelo bem popular, cujas *buenas artes* podem ser apreciadas como *impulso utópico* de resistência à violência.

O Malasartes refigurado no cordel de Lourdes Ramalho pode levar o público infantojuvenil – na escola ou nos palcos – à conscientização acerca da natureza como patrimônio de toda a humanidade e que seu uso deve estar sujeito a regras, respeito e condições básicas de vida no mundo, ciente da qualidade de vida de quantos dependem dos seus bens e do espaço em torno em que são extraídos. Ele ajuda a compreender a preocupação em cuidar para que esse uso pelos seres humanos seja conservativo, isto é, que gere o menor impacto possível e respeite as condições de sustentabilidade, de máxima renovabilidade possível dos recursos (MEC, 2001).

Por sua vez, o Malasartes refigurado no cordel de Pedro Bandeira pode levar o público infantojuvenil – igualmente no espaço escolar ou teatral – à conscientização acerca dos danos advindos da política coronelística característica de tempos, espaços e fazeres que constituiu o Nordeste brasileiro (Vilaça, 2003). Esse protagonista se utiliza de estratégias alternativas para ajudar ao seu próximo sem burlar leis e estatutos, ciente da imprescindibilidade de uma consciência democrática dos direitos fundamentais de ir e vir, de liberdade, de diálogo, de aquisição de bens de maneira lícita e nas relações sociais éticas.

Ramalho e Bandeira, mediante a literatura de cordel destinada ao público infantojuvenil, promovem em seus respectivos cordéis um espaço de reflexão sobre as condições sociais, políticas e culturais em que vivemos, uma vez que precisamos ser conscientes acerca dos perigos de uma sociedade regida por valores e princípios oriundos do poder hegemônico e da luta de classes, condicionantes que impetram interesses pessoais em detrimento do bem coletivo.



Nas atitudes resilientes e de resistência como as dos Malasartes brasileiros nos dois cordéis representa-se aquilo em que devemos nos inspirar para que não venhamos a ser tragados pela engrenagem violenta do capitalismo e pela lógica do acúmulo de riquezas ilícitas que comprometem o bem-estar da natureza. Assim sendo, os dois Malasartes – praticantes de *buenas artes* –, além de serem sobrevidas ecoantes na atualidade, além de que representam alternativas de resistência inteligente e não violenta (Arendt, 1970), não lançando fora o riso e o bom humor necessários, para fins de fomentar a conscientização e de melhoria dos nossos modos de fazer justiça e democracia no Brasil.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Valéria. Lourdes Ramalho na cena teatral nordestina: sob o signo da tradição reinventada. MACIEL, Diógenes André Vieira; ANDRADE, Valéria (Orgs.). **Dramaturgia fora da estante**. João Pessoa: Ideia, 2007. p. 207-222.
- ANDRADE, Valéria. Lourdes Ramalho e o ofício de escrever-pensar teatro. In: André Luís Gomes; Diógenes André Vieira Maciel (Orgs.). **Penso Teatro**: dramaturgia, crítica e encenação. Vinhedo: Horizonte, 2012, p. 220-238.
- ANDRADE, Valéria. A professora e o jogo de sonhos. **Lourdes Ramalho: 100 anos. Correio das Artes**. Ano LXXI, n. 6, ago. 2020, p. 9-11.
- ARENDT, H. **On violence**. A Harvest/HBJ Book. Harcourt Brace Jovanovich, Publishers: San Diego New York London, 1970. Dis-

ponível em: <https://abrir.link/7pyt3>. Acessado em 19 de junho de 2021.

AYALA, Maria Ignez Novais. Riqueza de pobre. **Literatura e Sociedade**. 2, 2 (dez. 1997), 160-169. Disponível em: <https://abrir.link/ba8ZM>.

BANDEIRA, Pedro. **Malasaventuras**: safadezas do Malasartes. Ilustrações de Roberto Negreiros. São Paulo: Uno Educação, 2008.

BLOCH, Ernest. **O princípio da esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

GONZÁLES, Mário. **O Romance Picaresco**. São Paulo: Ática, 1988.

MEC. **Parâmetros curriculares nacionais**: meio ambiente e saúde / Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. Brasília: A Secretaria, 2021.

MURDOCK, MAUREEN. **A jornada da heroína**: a busca da mulher para se reconectar com o feminino, Prefácio de Sandra Trabucco Valenzuela. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

PESSÔA, Augusto. **Malasartes**: histórias de um camarada chamado Pedro. Ilustração de Roberta Lewis. Rio de Janeiro: Lendo e Aprendendo, 2018.

VIEIRA, Fátima. A Comunicação de Ciência e o modo de pensar Utopico: uma Visão para 2030. In: FIGUEIREDO et al., (Orgs.). **II Seminário Internacional EXPRESSA**: Re-imaginar a Comunicação Científica em Educação. Edição CIIE/FPCEUP, 2021, p. 15-22. Disponível em: <https://l1nq.com/tpf8l>. Acessado em 18/08/2022.

VILAÇA, Marcos Vinícios e ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de.

**Coronel, Coronéis:** apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste. 4. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

RAMALHO, Lourdes. **Malasartes Buenas Artes.**

@SextilhasdeLourdes – Instagram, s/a. Disponível em:

<https://shre.ink/1Wcf>. Acessado em 21/01/2023.

REIS, Carlos. 2017. Para uma teoria da figuração. Sobrevidas da personagem ou um conceito em movimento. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 52, n. 2, pp. 129-136. Disponível em:

<https://bit.ly/3BNYSIW>. Acessado em 19/05/2023.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.